

Mailson assina acordo com credores



Mailson e Rhodes (D) firmaram o acordo de renegociação durante uma cerimônia que durou apenas 10 minutos

São US\$ 82 bilhões em refinanciamento e reescalonamento, com amortização em 20 anos

MOISÉS RABINOVICI

NOVA YORK — O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e o presidente do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, assinaram ontem o acordo de refinanciamento e reescalonamento da dívida externa brasileira. Trata-se do maior acordo já firmado por um país do Terceiro Mundo: são US\$ 82 bilhões entre refinanciamento dos juros, reabertura de linhas de curto prazo (US\$ 5,2 bilhões) e reescalonamento do principal, com amortização prevista em 20 anos. Tudo isso detalhado em seis volumes com mais de mil páginas, pesando dois quilos.

O acordo, destacou Mailson, contém uma série de novos elementos, como os bônus de saída (papéis subscritos pelos credores, com a garantia do Tesouro Brasileiro, que poderão ser negociados no mercado financeiro internacional), que introduziram o conceito de salvaguarda, uma fórmula inovadora para a questão da vinculação com o Fundo Monetário International. Além de opções e incentivos para os bancos aderirem ao acordo, entre eles os esquemas de financiamento paralelo, co-financiamento, nova linha de financiamento de comércio exterior e bônus representativos de novos recursos.

Segundo Rhodes, 85 bancos já subscreveram os bônus de saída, mas, de acordo com os compromissos verbais, a lista deverá incluir mais de cem, o que permitirá ao Brasil converter cerca de US\$ 1 bilhão em investimentos. O banqueiro acredita que o País tem potencial para reduzir sua dívida externa com os bancos comerciais em mais de US\$ 18 bilhões entre 1988 e 1993, além de poupar aproximadamente US\$ 3 bilhões com a redução dos juros determinada no acordo. Com a efetivação do pacote em outubro, acrescentou, o Brasil ficará rigorosamente em dia com o pagamento dos juros.

Os US\$ 5,2 bilhões das linhas de curto prazo serão desembolsados em três etapas: US\$ 4 bilhões em outubro, que saldarão os juros do ano passado, mais o acordo interino do final do ano, no valor de US\$ 3 bilhões; e duas parcelas de US\$ 600 milhões cada uma, em dezembro e janeiro.

Em seu discurso Mailson alertou que esse acordo não é a solução para o problema da dívida externa, mas apenas um passo nessa direção. O ministro lembrou que três das quatro etapas de sua estratégia para enfrentar a questão foram cumpridas: o acordo com os bancos, um programa econômico apoiado pelo FMI e o reescalonamento da dívida oficial com o Clube de Paris. A próxima e última etapa, segundo Mailson, será combinar a entrada de novos recursos com a redução da dívida.